

**SOM, SOL E SURF SAQUAREMA**  
**DIREÇÃO: HELIO PITANGA**  
**TRANSCRIÇÃO: GUILHERME BOISSON - IMAGINA FILMES**

**ANGELA RO RO:**

Outra pequena homenagem à Aracy de Almeida. Aracy de Almeida não é bem não, desculpe. Errei, errei de show. Desculpe. Vai ser uma homenagem a Bob Dylan, Otis Redding e Jimi Hendrix. Alright? My girl now.

*My Girl - Angela Ro Ro - Otis Redding*  
*I've got sunshine on a cloudy day*  
*When it's cold outside I've got the month of May*  
*I guess you'd say*  
*What can make me feel this way?*  
*My girl (my girl, my girl)*  
*Talkin' 'bout my girl (my girl)*

**RICARDO BOCÃO:**

Cara, minhas recordações de 1976, do Festival Nacional de Saquarema de 76, são as mais coloridas.

**RICO DE SOUZA:**

Sabe, assim, aquela loucura total, toda a rapaziada lá, todo mundo em harmonia, todo mundo feliz, todo mundo dançando. Até de dia mesmo, na praia, monte de maluco dançando.

**TUCA BORGES:**

Aquela galera unida. Unida pela música. O som espetacular a nível de rock n' roll.

**PAULO MALTA:**

Muito surf, muito som e muito sol.

*Wild Thing - Angela Ro Ro - Jimi Hendrix*  
*Wild thing, you make my heart sing*  
*You make everything groovy, wild thing*  
*Wild thing, you make my heart sing*

**TÁRIK DE SOUZA:**

Ainda havia uma repressão muito grande e a juventude estava querendo se expandir. Tava querendo se soltar. Tava querendo jogar para fora seus desejos, seus sonhos. E Woodstock era o grande modelo. Foi mais do que um festival, foi um estado de espírito que nasceu ali. Era a época hippie, o paz e amor, né, que todo mundo fazia. E naquela época todo mundo queria isso, queria esse ideal de justiça, de liberdade, de fazer o que quiser. E Saquarema era um lugar disso. Era um lugar maravilhoso, com um céu maravilhoso, um mar espetacular.

**FLÁVIO SPIRITO SANTO:**

Foi o primeiro grande festival ao ar livre do Brasil.

**NELSON MOTTA:**

E as pessoas tinham ali uma liberdade ilusória, precária, mas tinham, né? Uma coisa que a gente via nos filmes, que via na televisão, né? Aqueles americanos, aqueles ingleses, em festivais ao ar livre, gente no mar, né... um clima de pegação, de encontros.

**RICARDO BOCÃO:**

Para nós foi. Woodstock tinha acontecido, se não me engano, em 68, 69. E para a gente aterrizou, aqui em 76, uma coisa parecida.

**TÁRIK DE SOUZA:**

E a gente foi para lá para ver grandes artistas, né? E que estavam ali soltos, diante do seu público, de um público específico. Ali não tinha caretagem. O pessoal que estava lá era realmente um pessoal que gostava daquilo. O pessoal de surf e o pessoal do rock.

*Like a Rolling Stone - Angela Ro Ro - Bob Dylan*

*How does it feel, how does it feel?*

*To be on your own, with no direction home*

*A complete unknown, like a rolling stone*

*How does it feel? Tell me, tell me, tell me now.*

**FLÁVIO SPIRITO SANTO:**

Bom, o Som, Sol e Surf surgiu quando nós estávamos fazendo uma excursão ao longo do litoral, para Niterói, Cabo Frio, Rio das Ostras, Macaé, Guarapari, Vitória. E, então, eu resolvi tentar Saquarema. E aí eu fui conversar com o Falcão, que era secretário de turismo de Saquarema e ele falou: Olha, bicho, vamos fazer esse festival aqui, no estádio. Na época eu me dava muito com o Nelsinho Motta e eu chamei o Nelsinho para ser meu sócio. Mas eu já estava com o contrato assinado lá com o Falcão.

*Minha Mãezinha - Angela Ro Ro*

*Sua voz...*

*Tão difícil de calar, não me diz mais nada*

*Já não carrega mais*

*O doce mel da abelha rainha*

*Me deixe em paz, minha mãezinha*

*Seus olhos...*

*Tão abertos quanto a sua boca já não vêem mais*

*Que eu não tenho emenda nem vim de encomenda*

*A vida que eu levo é só minha*

*Me deixe ser, minha mãezinha*

*Não me mime, não me mime*

*Não me mime, mamãe, não me mime mais*

*Não me mime, não me mime  
Não me mime, mamãe...*

**LEONARDO NETTO:**

O Nelsinho, nessa época, tinha um escritório na Praça General Osório. A gente fazia uma coluna para O Globo, que o Nelsinho fazia e, quando ele não estava, eu era o interino dele e tal. Tínhamos mais algumas pessoas para ajudar também. E que ao mesmo tempo era frequentado por todos os artistas da época. Aí, tinha o Flávio Spirito Santo, que era um dos frequentadores lá do escritório.

**NELSON MOTTA:**

Quem me convenceu a fazer esse festival em Saquarema foi o Flávio Spirito Santo, que é um doidão que eu conheci em Búzios. Nem me lembro como, onde... A gente sabe que dessa época as pessoas se lembram de muito pouca coisa. Porque era uma loucura, ali, o consumo, né? Aí o Flávio me falou de Saquarema e eu nem conhecia Saquarema direito. Que tinha essa ideia e tudo. Que conhecia o prefeito. Que tinha Patrocinador. Me contou tanta história...

**LEONARDO NETTO:**

A gente gostou da ideia, mas sabíamos que íamos ter problemas de estrutura muito grande e também de experiência das pessoas, de fazer um evento deste tamanho.

**NELSON MOTTA:**

E eu fui lá à Saquarema com o Flávio e eu achei o lugar lindo, espetacular ali. E acabei falando com o prefeito e produzindo.

**JURANDIR DA SILVA:**

Era uma época muito difícil e nós precisávamos encontrar uma saída, uma alternativa, para trazer gente para a cidade, já que Saquarema era muito pequena, muito difícil o comércio, muito, muito difícil mesmo, então, eu funcionava assim, como o termômetro do comércio de Saquarema, porque eu também era comerciante.

**NELSON MOTTA:**

Era uma cidade muito pequena. Tinha infra nenhuma. Zero.

**LEONARDO NETTO:**

A gente conseguiu um dos hotéis, o médio, que era aceitável para os artistas ficarem, que era um hotel na beira de uma lagoa. E a gente fechou esse hotel.

**NELSON MOTTA:**

Um casinhas assim em volta em um terreno. Era maneiro aquilo. Tinha uma casa principal. Eu falei: Bom, dá para hospedar a equipe, os artistas e pronto. E o resto? O resto foda-se. A gente nem pensou nisso.

**ANGELA RO RO:**

Obrigado, obrigado a todo mundo que tá aqui, muito obrigado mesmo, pela atenção.

**LEONARDO NETTO:**

A gente entrou como se fosse numa aventura. A gente não tinha essa ideia de fazer isso. Isso o Flávio foi nos conquistando, nos conquistando. Quando a gente viu, a gente já tava fazendo.

**NELSON MOTTA:**

Em Saquarema eu resolvi fazer dois dias, num formato de 3 ou 4, talvez 5 artistas por dia. Essa era a ideia.

*Faca Amolada - Ronaldo Resedá - Milton Nascimento*

*Vai ser, vai ser, vai ter de ser, vai ser muito tranquilo*

*O brilho cego de paixão e fé, faça amolada*

*Vai ser, vai ser, vai ter de ser, vai ser faça amolada*

*Vai ser, vai ser, vai ter de ser, vai ser faça amolada*

**RICARDO BOCÃO:**

Foi o ano que juntou o campeonato de surf, que estava na sua segunda edição. Grandioso para a época. Surfistas de todo o Brasil vindo de fusquinha para competir no Festival Nacional de Saquarema. Todo mundo já sentia que era uma das três melhores ondas do Brasil. Fortes poderosas, grandes. Mexia com o imaginário dos jovens. A gente estava começando a descobrir a história dos campeonatos, festivais. Não tinha circuito, não tinha campeonato toda hora. Festival era um acontecimento meio que único. Mas junto com isso foi anunciado um Festival de Rock.

**DJALMA LIMONGI:**

A turma do surf foi que levou a multidão para Saquarema. Era um movimento muito forte, uma tribo atuante mesmo. Nós ajudamos também nessa divulgação.

**TOCA SEABRA:**

A gente já sabia que ia ter o campeonato de surf. Que já tinha tido 2 anos antes. E o show todo mundo sabia, tinha flyer... Cara, incrível, que antes não tinha internet, ninguém tinha telefone e todo mundo sabia de tudo.

**ZÉ DA GAITA:**

O festival em si, a força, essa exuberância toda, foi dessa turma prafrentex mesmo, mais prafrentex, fazendo rock.

**ANGELA RO RO:**

O festival só contribuiu para o bem. Para as pessoas aceitarem os nossos cabelos compridos dos meninos, os nossos seios de fora das meninas, na praia.

**FERNANDO FEDOCA:**

Não tinha muitos shows na época. Você ia a show, assim, de rock, uma vez ou outra. Você comprava o disco, mas não tinha MTV, nem YouTube, nem nada para você ficar vendo clipe, nem porra nenhuma. Então você viu o show ali, você tinha que viajar ali no show, dançar e curtir.

*Be-bop-a-lula - Ronaldo Resedá - Gene Vincent**Weeeell,**Be-bop-a-lula she's my baby,**Be-bop-a-lula I don't mean maybe.**Be-bop-a-lula she's my baby**Be-bop-a-lula I don't mean maybe**Be-bop-a-lula she's, she's, she's my baby love,**My baby love, my baby love.**Well she's the girl in the red blue jeans.**She's the queen of all the teens.**She's the one that I know**She's the one that loves me so.***LIMINHA:**

Eu acho que existia um compromisso maior com a arte do que com o marketing, sabe? As coisas rolavam de um jeito mais, de uma maneira mais artesanal, mas também mais verdadeira. A gente não pensava tanto assim, como se pensa a música hoje, como negócio.

**LEE MARCUCCI:**

A gente não estava preocupado em tocar música em rádio. A gente não estava preocupado com a gravadora, que você tinha que vender disco, vender CD. Era uma coisa de amor mesmo. E tanto é, que tinham músicas que duravam 7 minutos.

**TÁRIK DE SOUZA:**

O mainstream brasileiro era a MPB. Então rock era meio jogado a uma coisa, assim, secundária.

**LIMINHA:**

Cabeludo aqui era bandido, entendeu? Pessoal odiava rock, na verdade.

**LOBÃO:**

Tinha dois tipos de jovens. Ou você era roqueiro ou você era um otário emepibista e que fazia Pro Arte, só fazia papauêra e queria emular o Chico Buarque, Edu Lobo, essas coisas. Ou você era um ou era outro e eram grupos conflitantes, né? Não eram somente diferentes.

**TÁRIK DE SOUZA:**

Havia até aquela questão das guitarras elétricas. Houve a passeata contra as guitarras elétricas. A guitarra elétrica, durante um tempo, ela foi vista como um agente invasor. Um

veículo da música estrangeira que queria sufocar a música brasileira. Então houve um certo preconceito contra a guitarra durante um tempo.

### **NELSON MOTTA:**

A coisa mais anti rock'n'roll que existe é uma ditadura militar, né? Com censura prévia, tendo que aprovar música por música na censura. Então rock é rebelde, rock é contra, não pode pedir licença para ser mal comportado. Essa era a situação do rock brasileiro. Por isso que não teve um movimento de rock nos anos 70.

*Rockinho - Bixo da Seda*

*Deixa rolar, é pra se acabar*

*Fique à vontade, solte os bichinhos!*

*Fique à vontade, seja o delírio!*

*Ora, dance como dance, mas dance, baby!*

*Ora, dance como dance, mas dance, baby!*

### **OTAVIO PACHECO:**

A gente não tinha acesso a disco, por exemplo. Os discos eram censurados. Era difícil. E a gente viajava muito para o Havaí, para os Estados Unidos, para a Califórnia, para a Europa. Até para pegar onda, para o campeonato, e a gente trazia os discos. O próprio Bob Marley. Eu trouxe um disco do Bob Marley em 72.

### **MUCIO SCORZELLI:**

Já tinha um surf music na cabeça das pessoas. Tanto é que sempre o surf foi ligado a música. Sempre o surf foi ligado a música. Só que, quando botou, ao vivo, um festival desse, aí aumentou mais ainda. Então formou mais do que um surf music, formou um comportamento, em que as pessoas passaram, assim, a se integrar mais.

*Bixo da Seda - Não identificada*

*O vento na folhagem*

*Tira minha coragem*

*De ir trabalhar*

*Pra que trabalhar?*

*Se dá cato dinheiro*

*Eu cato o dia inteiro*

*E se pro leite das crianças*

*E pro jogo de domingo*

*Eu descolo uma nota*

*Aqui na vizinhança*

*Quantas vai?*

### **MUCIO SCORZELLI:**

Olha lá, que interessante, o tipo, o shape, das pranchas. Olha lá como é que muda...

**RICARDO BOCÃO:**

Essa época produziu umas pranchas muito bonitas. Inclusive, os garotos de hoje em dia...tem um monte de cara que se orgulha: Olha só essa prancha retrô, igualzinha a dos anos 70. Uma quilha, tudo igual, assim. O shape, tudo igual. Vão pra água, tentam reproduzir o estilo mais tranquilo da época. Não tão agressivo. Fluir na onda era a coisa mais importante. Aprender a fluir. Andar sem se atrapalhar. Sem deixar a onda te atrapalhar, né? O flow. O flow era a coisa mais importante.

**RICO DE SOUZA:**

Em Saquarema veio o campeonato de 1976, que foi o Festival de Saquarema. A TV ajudava com a mídia. O jornal ajudava com a mídia. A Prefeitura de Saquarema ajudava. Então era um evento, assim, que não gerava dinheiro, mas gerava um potencial muito grande.

**TOCA SEABRA:**

Saquarema era importante, né, bicho. Era assim um campeonato que, pô, quem ganhasse ali, pelo menos garantia o patrocínio, que naquela época estava muito começando também.

**BETH MODESTO:**

A estrutura era bem mais simples. Não rolava acho que tanto dinheiro quanto rola hoje em dia. Era uma coisa mais lúdica.

**RICARDO BOCÃO:**

E muita gente confundiu. O Surfista o dia inteiro na praia, cabeludo, tá o dia inteiro na praia, então é vagabundo. Mas mal sabiam que o que a gente estava buscando na praia, em frente ao mar, dentro da água, viajando para lugares assim, era sair da cidade grande, sair de toda aquela pressão, por ser bem sucedido na vida, ter muito poder e ter muito dinheiro.

**POPÔ LOPES:**

Nessa época não tinha profissional do surf. Acho que foi ali um começo. Porque a gente tinha páginas nos jornais. Então a gente começou a dar retorno.

**JORGE BARATA:**

Quando os gringos vinham, a diferença de surf dos gringos para os nossos tops era de pelo menos 10 anos. O nível que tá o surf hoje em dia se deve a esse pessoal, com certeza.

*Bixo da Seda - Não identificada*

*Nada pior que o nada*

*Nessa escuridão de dentro*

*Soltava a mente*

*Através de um \*\*\*\**

*Na casa dos sonhos*

*Nas frente das mãos*

*Marcava bobeira*

*De repente aconteceu um visual  
Uma dama cor de lua na festa dos sonhos  
No seu corpo descobriu  
Que o dia raiando vem*

**OTAVIO PACHECO:**

Era ameaçador, né? Aqueles caras com as pranchas em cima do carro, indo pegar onda, sem compromisso com a sociedade. O desprendimento, aquela coisa toda, incomodava.

**NELSON MOTTA:**

O governo militar tinha pavor de muitos jovens reunidos para qualquer coisa. Porque podia alguém gritar abaixo a ditadura, podia ter alguma subversão. Era uma paranoia.

**TÁRIK DE SOUZA:**

E, entre o pessoal que foi para lá, realmente existiam, digamos assim, duas facções dentro da oposição à ditadura. A atitude era importante, entendeu? E a atitude que se tinha na época era contra a ditadura. Fosse ela na guerrilha ou fosse ela na parte comportamental.

**FLÁVIO SPIRITO SANTO:**

Havia uma revolução comportamental, sexual. Era uma juventude mais engajada politicamente.

**TOCA SEABRA:**

Os caras não faziam ideia, ainda, de que a contracultura poderia ter algum tipo de força política. Força política que eu digo, cultural mesmo.

**DJALMA LIMONGI:**

Estranho porque era um momento da repressão brutal, mas era também um momento da liberdade pessoal, grupal. Nos piores anos de repressão, nós tínhamos as melhores criações artísticas. Isso resultou muito bonito daquela geração.

**TÁRIK DE SOUZA:**

Todo mundo vivia como se fosse o último dia. Ninguém sabia o que ia acontecer. De vez em quando alguém ia preso. Muitos amigos nossos desapareciam. Então o negócio era viver ao máximo, né?

**FERNANDO GAMA:**

Foi a época mais louca da minha vida, entende? Nego usava o cabelo aqui, usava brinco, fumava na rua.

**DANIEL FRIEDMANN:**

Graças a Deus nunca tive problema de ter sido preso. Não por questão política. Fui até preso por estar pegando onda na hora errada.

**FERNANDO FEDOCA:**

Fugir da polícia a gente fugiu algumas vezes



**DANIEL FRIEDMANN:**

Várias vezes.

**OTAVIO PACHECO:**

O próprio surf chegou a ser proibido nas praias aqui do Rio de Janeiro. Te paravam de carro na estrada. Via prancha em cima do carro, paravam. Era geral, era dura o tempo todo. E a gente cresceu com isso, a gente conviveu com essa coisa da repressão.

*Bixo da Seda - Não identificada*

*Sinta a vibração no ar*

*E mais*

*Se você vier comigo*

*Só sai*

*Adiante é o caminho*

*Só vai*

*Passo a passo no compasso*

*Legal*

**DANIEL FRIEDMANN:**

No entanto a gente tinha o nosso mundo, que envolvia um grupo de pessoas que frequentavam a praia, festas, pegava onda, música. Pelo menos a maioria não tinha uma ambição, assim, realmente política. A gente tava tentando viver só. Aproveitar a vida.

**ANGELA RO RO:**

A gente não era, como eu digo, engatado em nada político que nos desse mais estresse do que, obviamente, já tínhamos. Muita gente desaparecia, muita gente artista. Então eu era de uma parte que na época era chamado de alienado, mas, me perdoem, era a parte feliz da juventude.

**PAULO MALTA:**

O mar é poesia, né? O Sol é poesia. O som é poesia. As relações humanas, quando elas são feitas com amor, com carinho, com atenção, gera poesia e isso acaba por promover alguma coisa, assim, muito harmônica entre o que você sente, entre o que você fala e entre o que você faz.

**RICARDO BOCÃO:**

A poesia de vida dos anos 70, ela era resultado dessa mistura do tipo de música da época, do tipo de liberdade que os jovens e os adultos jovens estavam experimentando...É a liberdade, mas também com a coragem de romper com aquilo que estava programado para você. Quebrar com o sistema, romper com o sistema, tinha que ter esse pacote completo. Se não você não conseguia romper.

**LOBÃO:**

Os anos 70 eram malucos excêntricos. Até o cara da bolsa de valores tinha uma gravata psicodélica, uma costeleta, né? As pessoas eram todas muito extravagantes. O padeiro era um

cara excêntrico. Todo mundo. Jogador de futebol era muito louco. Todo mundo era muito louco. Todo mundo era psicodélico.

**TÁRIK DE SOUZA:**

Essa época foi chamada de a época do desbunde, né? Porque, justamente, o consumo de drogas era livre. Todo dia LSD. Pó, menos. Muita maconha, entendeu? Rolava de tudo, né?

**DICASTRO:**

Se você fumava maconha você participava de um grupo que era tipo uma maçonaria.

**ZÉ DA GAITA:**

Foi a época do gererê, né? Marijuana. Eu nunca usei lá grandes coisas. Então 41 anos depois eu posso dizer que estou são e salvo.

**BETH MODESTO:**

A galera do surf era mais tranquila. Só de pegar a onda. Era uma época, também, que as pessoas não gostavam muito de beber. Álcool. Beber álcool era coisa de gente velha. O máximo que fazia era mudar o estado de percepção com coisas mais leves.

*Bixo da Seda - Não identificada*

*Tem dias que a gente acorda com vontade de ser legal*

*Com todo mundo*

*Foi assim que eu conheci Dona leda*

*Foi assim que Dona leda me conheceu*

*E agora ela só quer fazer amor comigo*

**JACARÉ:**

la para umas fazendas aqui e pegava uns cogumelos, fazia um chazinho e tal. Nada que deixasse a gente fora dos padrões aí.

**OTAVIO PACHECO:**

Mas tinha muita coisa do auto-conhecimento, das portas da percepção sendo abertas. Toda a influência da cultura e da ciência. O LSD, lá com Timothy leary, que foi o grande professor lá da Universidade de Harvard, que difundiu o uso até recreativo do LSD na época, influenciando os Beatles, os artistas. Então a droga tinha muita conotação experimental.

**LIMINHA:**

Tinha um idealismo. Isso que é vida. Isso que é bacana. Macrobiótica. Acho que todo mundo estava imbuído, assim, de um sentimento totalmente alternativo, esotérico, de disco voador, enfim.

**PAULO MALTA:**

Na época tinha uns malucos que tomavam muito Mandrix, Mequalon, esse tipo de remédio, com cerveja, para ficar doido. Aí misturava maconha. Junto muito álcool. Então você via os

caras malucos caídos, caídos no chão, mas outros pulando, enfim... Era um mix de comportamentos ali, mas todo mundo se divertindo dentro das suas limitações.

**NELSON MOTTA:**

Que graça teria um festival desse em Saquarema sem maconha?

**TÁRIK DE SOUZA:**

O bom desse festival foi que ele foi feito num lugar fora do lugar onde a repressão costumava ir. Então ele rolou tranquilo, rolou sem problemas. Todo mundo fumando maconha livremente. Usando ácido etc etc. Seria impossível reprimir ali. Aliás acho que isso é que foi a coisa do festival de Saquarema: Como é que eles iam prender todo aquele pessoal?

**JURANDIR DA SILVA:**

Saquarema, muito pequenina, não despertava a atenção daqueles que faziam perseguição.

**DJALMA LIMONGI:**

O Flávio Espírito Santo convenceu o Nelson Motta que a prefeitura de Saquarema iria nos ajudar.

**LEONARDO NETTO:**

E o Flávio era o nosso homem de Saquarema. Porque ele que conhecia as pessoas. Ele conhecia o prefeito. Ele conhecia não sei quem. Ele podia conseguir o campo de futebol, que não pode nem chamar de estádio, porque era um campo de futebol mesmo. Antes disso a gente já tinha fechado o line up, os artistas que iam participar. Mas tinha a produção toda que tinha que andar.

**DJALMA LIMONGI:**

Quando eu fui lá para conversar com o pessoal, eu percebi, dançamos. E eu falei: Mas, pera aí, o Flávio não teve nenhum acordo com vocês assinado? Nada? Nada, era na palavra. Significa que o palco que eles disseram que iam montar, não tem. Então vamos levar a equipe para montar o palco. O Delphi, que aparece aí nesse vídeo com a equipe dele, que foi deslocada da peça que estava sendo produzida, montaram aquele palco. Assim foi feito.

**LEONARDO NETTO:**

Foi uma loucura montar isso. Descobrimos que tinha que fazer uma proteção nos muros do campo de futebol. Para sustentar o muro. Cinco dias, eu acho, antes do palco passar a ser usado, acabou a madeira da cidade. Não tinha mais nas serrarias quem cedesse madeira para a gente. Tivemos que sair pela cidade, ver os lugares que estavam em obra, e saímos alugando as madeiras das obras.

**DJALMA LIMONGI:**

O hotel que eles disseram que iam rachar conosco, não. Até a vigilância do espaço... Levamos 30, 40 homens aqui do Rio.

### **LEONARDO NETTO:**

Existia know-how quase zero no Brasil para se fazer uma coisa desse tamanho e o projeto era ambicioso. Porque era não só fazer os shows, como fazer a filmagem, como fazer o som para tudo isso. Então foi uma loucura conseguir ter o campo pronto, conseguir ter uma estrutura para receber os artistas. Hotel e casas que foram alugadas. Sem contar que todos os hotéis também já estavam lotados por causa do surf. E, depois, a chegada das equipes. A chegada da equipe de som, da equipe de luz, da equipe de filmagem, tudo isso.

### **RAUL SEIXAS:**

Viva 1967! Woodstock! 1967! Vocês já assistiram rollerball? Jonathan, Jonathan, Jonathan!

### **LOBÃO:**

Da maneira que eles faziam naquela época a estrutura de som... era tudo muito feito de uma maneira bíblica praticamente. Então eles montaram, fizeram, uma parede enorme de som com os PA's das próprias bandas. Que é uma coisa que nunca se repetiu.

### **NELSON MOTTA:**

O problema era técnico sempre. Porque equipamento de som era difícilimo. Não podia importar nada. Era tudo Brasileiro. Ou então você tinha que alugar de dois, três grupos para juntar para fazer um PA. Os técnicos também não conheciam direito e nunca era bom o som desses festivais.

#### *Sessão das Dez - Raul Seixas*

*Ao chegar do interior*

*Inocente, puro e besta*

*Fui morar em Ipanema*

*Ver teatro e ver cinema era a minha distração*

*Foi numa sessão das dez*

*Que você me apareceu, me ofereceu pipoca*

*Eu aceitei e logo em troca*

*Eu contigo me casei*

*Curtiu com meu corpo*

*Por mais de dez anos*

*E depois de tal engano*

*Foi você quem me deixou*

*Curtiu com meu corpo*

*Por mais de dez anos*

*E foi tamanho o desengano*

*Que o cinema incendiou*

### **TUCA BORGES:**

Um contava para o outro: Ah, pô, vamos, vai ter um festival em saqua. Tá rolando. Começou na sexta, vai no sábado. Aí vai um, vai falando para o outro e vai chegando.

**PAULO MALTA:**

Ninguém pode perder, ninguém pode perder. Então foi todo mundo para lá.

**LEONARDO NETTO:**

Tem a população da cidade, mas já tinha um interesse muito grande dos surfistas. Então a cidade já estava, dias antes, ela já estava com pessoas chegando.

**RAUL SEIXAS:**

Pô, um ventinho legal aqui. Aaaaahhhh!!!

**RICARDO BOCÃO:**

Então o que a gente via era a praia apinhada de barraca de acampamento.

**JACARÉ:**

Essa é a praia de Itaúna. Ficou lotada de barracas. Lotada. De ponta à ponta.

**OTAVIO PACHECO:**

Minha casa ficou lotada. Todo mundo dormindo pelo chão. Não tinha mais onde botar gente lá em casa. Vieram surfistas do Brasil inteiro para esse festival.

**PAULO MALTA:**

Nego ia para lá sem lugar para dormir mesmo. Chegava lá, se virava. Tinha nego que esticava uma toalha e acordava com o sol. Porque não tinha lugar para ficar, o cara dormia na praia.

**HERIVELTO BRAVO PINHEIRO:**

Em 1976, você imagina que Saquarema, cara, aquela vila de pescador, poucas casas, você abria a porta da sua sala, quando dava na varanda, tinha gente dormindo. E ninguém brigava. As pessoas não precisavam nem pedir.

**LUCIA RANGEL:**

A praia foi invadida por um monte de, vamos dizer, hippies, que não eram frequentadores do local. Eles foram para o show, então eles acampavam ali e vendiam os seus artesanatos para se manter naqueles dias em Saquarema.

**PAULO MALTA:**

Obviamente tinha muito surfista, mas tinha muito aquela galera doidão, hippie, afim de ver o som, entendeu?

**TÁRIK DE SOUZA:**

É, tinha o pessoal do surf, mas o pessoal do surf também era hippie. Então era tudo mais ou menos uma tribo só.

**TOCA SEABRA:**

Não era uma galera do Rio de Janeiro. Tinha gente do Rio de Janeiro, mas veio gente do Vale do Paraíba, de Minas. Era bem heterogêneo, mas tinha muita gente de vários estados.

**BETH MODESTO:**

Existiam várias tribos, né? A nossa tribo, que era do surf, era um pessoal mais, assim, paz e amor, que queria ficar na natureza. E tinha uma outra tribo, que era de jovens também, como nós, mas que tavam mais embrenhados com a política, de lutar contra aquele regime autoritário. E tinha também aquela outra turma que eu te falei, que era do sexo drogas e rock n' roll. Pessoal de droga mais pesada, uma época de hippie.

**LUCIA RANGEL:**

Eu não vi nada desagradável não, entendeu? Cada um na sua.

**RICARDO BOCÃO:**

Imagina o clima. Em 1976, zero informação, zero celular, zero tudo. Só as estrelas, o mar, o barulho do mar, fogueira, violão acústico, bongô. Isso tinha direto. Cada núcleozinho de barracas tinha o seu.

**JACARÉ:**

Integração total. Exatamente nessas fogueiras que a gente fazia, sempre rolava uns caras que eram bons de música. Os caras bons de música atraíam as meninas. E a gente ficava ali, né, naquela aba das meninas também, né.

**ROGERIO MARTIM:**

A gente chegou de ônibus, fomos andando por uma rua: Ah! Encontramos um lugar para ficar. Deixa as coisas aqui. Vamos lá ver o show, vamos lá ver o show. Voltamos: Onde que era a casa que a gente alugou, que ficou? Até achar e descobrir...

**TOCA SEABRA:**

Tinha gente que não conseguiu nem levar barraca. Ficava aquele bando de maluco vagando que nem alma penada. Os caras ficavam vagando para lá e para cá, bicho. Porque uma coisa é chegar 10.000 pessoas, turistas normais, de bermudinha, chinelo e barraca. Não. Chegou um bando de fio desencapado, meu irmão. E Saquarema pirou, entendeu? As pessoas ficaram horrorizadas.

**ANGELA RO RO:**

A cidade mesmo adorou. Porque o comércio bombou. Vendeu tudo. Era no início de aparecer restaurante, barzinho natureza. Neguinho dizia assim: Tira o presunto. Dá para tirar a mortadela? Dá para tirar não sei o quê? E aí a mulher ficava assim: Então vocês querem o pão com quê?

**JACARÉ:**

O movimento foi tão grande que começou a faltar tudo no comércio. Começou a faltar até água para beber.

**PAULO MALTA:**

Você via uma fila assim quilométrica. Não tinha mais leite, não tinha mais água. Foi uma coisa assim impressionante.

**JURANDIR DA SILVA:**

Uma cidade com pouca estrutura. A sua população era de 20 mil habitantes e dobra ou triplica. Logo aí, é claro que tem que faltar as coisas.

**LEONARDO NETTO:**

Os moradores, quando viram a cidade invadida, porque foi invadida a cidade, eles ficavam muito ressabiados, mas caíam dentro do clima geral e não tinha o que fazer. As pessoas da cidade iam nas cidades vizinhas para se abastecer.

**FLÁVIO SPIRITO SANTO:**

Trazia comida de barco porque a estrada estava toda obstruída de carros.

**TOCA SEABRA:**

O trânsito na cidade não andava. Parou tudo e parou, não tem mais jeito. A galera tá doidona, abandonou os carros e fudeu, meu amigo, não tem.

**MUCIO SCORZELLI:**

Você não tinha como chegar lá. Você já tinha que estar lá ou você tinha que ir com vontade mesmo, com disposição para ir. Porque imagina botar esses nomes todos numa cidade pequenininha que não tava com uma infraestrutura.

**NELSON MOTTA:**

E nesse caso o festival de surf foi uma péssima ideia fazer junto porque juntou mais gente e já não tinha espaço para um evento, imagina para dois. Mas eu acho que o público que foi lá tava pouco se lixando.

**RAUL SEIXAS:**

Eu me formei em filosofia e vim para cá, para o Rio de Janeiro, lançar um tratado de metafísica que eu fiz desde que eu era pequenininho. Vinha preparando aquele tratado de metafísica, muito esperançoso, muito idealista. Deste tamanho, o livro, o tratado. Eu cheguei e descobri que o Brasil não gostava muito de ler. Aí eu resolvi ser cantor de iê iê realista. Aí eu comecei a colocar o trabalho todo de metafísica dentro de faixas de disco. Porque, realmente, o movimento pós-romântico foi o movimento realista, né? Que tem o negócio das crianças saindo de férias. Aí vem. Porque de cantor o Brasil já está infestado. Todo mundo falando em inglês. Eu vou fazer o seguinte. Eu vou cantar uma música aqui, chama "Não me pergunte por que". Esse violão está afinado?

## **LOBÃO:**

Eu fiquei dentro do acampamento. Eu estava na estiva. Eu tava montando equipamento. Carregando coisas. Eu ficava por ali, muito louco, riponga, não sei o quê. E não me lembro de nada.

*Todo Mundo Explica - Raul Seixas*  
*Não me pergunte por que*  
*Quem-Como-Onde-Qual-Quem-Cujo?*  
*Deus, Buda, O tudo, O nada, O ocaso,*  
*Como o cosmonauta busca o nada, seja*  
*Seja lá o que for, já é*

*Não me obrigue a comer*  
*O seu escreveu não leu*  
*O pau comeu na cabeça*  
*Do cantor José Raimundo*  
*Porque sem querer falou no rádio que*  
*Cada cabeça era um mundo Raimundo*  
*Antes de ler o livro que o guru lhe deu*  
*Você tem que escrever o seu*

*Chega um ponto que eu sinto*  
*Que eu pressinto*  
*Lá dentro, não do corpo, mas lá dentro-fora*  
*No coração, no sol, na minha testa eu sinto*  
*Eu farejo em todo o universo*  
*Que eu to vivo*  
*Que eu to vivo*  
*Que eu to vivo, vivo, vivo como uma rocha*  
*E eu não pergunto*  
*Porque já sei que a vida não é uma resposta*  
*E se eu aconteço se deve ao fato de eu*  
*simplesmente ser*  
*Se deve ao fato de eu simplesmente*

*Mas todo mundo explica*  
*Freud explica*  
*Krishnamurti tá vendendo a explicação na livraria,*  
*que lhe faz a prestação*  
*Que tem Platão que explica,*  
*Tudo, tudo tão bem, vai lá que*  
*Todo mundo explica*  
*O Brahma e o Skol, o catolicismo oculta as transas do papai do papa*  
*Papagaismo que cucu curupaca implica, explica*  
*Mas com o carimbo positivo da ciência*  
*Que aprova e classifica*



*O que é que a ciência tem?  
Tem lápis de calcular  
Que é mais que a ciência tem?  
Borracha pra depois apagar  
Você já foi ao espelho, nego?  
Não?  
Então vá!*

**LEONARDO NETTO:**

Tudo pronto para o primeiro dia. Começou o público a chegar, começou o público a chegar. E lotando, e lotando. Sem contar as tentativas de invasões pelos muros, para não pagar ingresso, não sei o quê. E era meio incontrolável.

**DJALMA LIMONGI:**

O show começava às 9 horas da noite e a venda começava às 6 horas da tarde. Até por medida de segurança. Para que nego não saísse com o ingresso e fosse falsificar na gráfica mais próxima.

**RAUL SEIXAS:**

Porque de vez em quando a boca fica seca.

**JACARÉ:**

Na época a gente teve que pagar alguma coisa, mas muito pouco. Muita gente até nem pagou, entrou pulando muro.

**LOBÃO:**

Na verdade eu participei de todo o backstage. Tomei muito ácido. Eu não me lembro... de show mesmo... eu não me lembro de ter visto show nenhum.

**RAUL SEIXAS:**

Só quem pode salvar são vocês.

*Sociedade Alternativa - Raul Seixas*

*Viva! Viva!  
Viva A Sociedade Alternativa  
Se eu quero e você quer  
Tomar banho de chapéu  
Ou esperar Papai Noel  
Ou discutir Carlos Gardel  
Então vá!  
Faze o que tu queres  
Pois é tudo permitido  
Da Lei! Da Lei!  
Viva! Viva!  
Viva A Sociedade Alternativa*

**LEONARDO NETTO:**

Do lado de fora tinha uma Kombi estacionada, que estava fazendo sanduíche, alguma coisa disso. E essa Kombi pegou fogo, mas pegou de um jeito que foi consumindo ela assim em minutos.

**LEE MARCUCCI:**

Tava rolando o show e uma puta fumaceira da Kombi. Fogo direto e todo mundo mandando ver no som. Não parava. E todo mundo afim de curtir.

**JACARÉ:**

Eu ia para lá, não ficava só prestando atenção no show né, cara. A gente tinha aquele universo todo de gente, um monte de maluco lá junto, as meninas e tal, e a gente ficava ligado naquilo tudo.

**TÁRIK DE SOUZA:**

Eu me lembro que eu enchi a cara tanto, que tinha um carro pegando fogo e eu queria entrar, passar por dentro do carro e pessoal: Não, não, não!

**RAUL SEIXAS:**

Todo homem tem direito de se vestir como quiser. Todo homem tem direito de estar onde quiser. De se locomover por todos os lugares do planeta da maneira que ele quiser. Se vestir como quiser. Inclusive, todo homem tem direito de trepar. Olha, todo homem tem direito de trepar na Árvore da Vida e colher os frutos dela. Faze o que tu queres porque nada é permitido. Aquele que disser não é um criminoso porque eu tenho na mesma hora e em qualquer momento a verdadeira liberdade da minha vida. Até de dar um tiro na minha cabeça. Porque, se não, eu sou o dono da minha vida ou não é? Eu tenho o direito de me matar aqui no palco, sabe? Eu acredito nisso.

**NELSON MOTTA:**

De tarde já começou a escurecer, a fechar. 1976, negócio de meteorologia, esquece. Era meio que...começou um vento esquisito e desabou um temporal ali em Saquarema.

**LIMINHA:**

Era uma produção bem artesanal. Os caras montavam um palco e de repente não tinha nem cobertura caso chovesse. E de repente pegava uma lona no último momento e tentava cobrir o equipamento. Era tosco.

**LEONARDO NETTO:**

Não dava para fazer. O palco não tinha condição de sustentar uma chuva como aquela.

**JACARÉ:**

Choveu muito na época. Tinha muita lama, muita gente no meio daquela lama. Aquela confusão toda.

**LEONARDO NETTO:**

Foi uma tristeza generalizada. Mas aí fomos lá para o hotel.

**NELSON MOTTA:**

Então eu fiquei: Meu Deus do céu. Que que eu vou fazer? Me reuni com o pessoal, com o Léo, com o Djalma, com os seguranças e falei o seguinte: Olha aqui ó. Está claro, obviamente, que está cancelado o de hoje. Hoje à noite tá cancelado. Tinha imprensa, tinha tudo. Então nós vamos juntar a programação de hoje com a de amanhã e a mesma entrada de hoje vale para o show de amanhã. Então, dito isso, vamos comemorar. Eu falei: Abre a champanhe. Aí tomamos um ácido e pronto. E curtimos ali o resto da noite, aquela lagoa bonita de Saquarema.

**LEONARDO NETTO:**

E começou uma grande festa. E tinha um dos meninos e ele tinha muito ácido. Um papãozinho assim, uns papãozinhos em forma de pirâmide. Chegou uma hora que tinha um suco e que tava todo mundo consumindo. Aí ele não aguentou e jogou os ácidos lá dentro e mexeu e ficou. Mas aí no dia seguinte, quando eu acordei, que eu acordava cedo para ir cuidar das coisas, tinham várias pessoas na beira da lagoa ainda sob o efeito. Vários artistas e acompanhantes e gente do surf e tudo.

**PEDRO DE MORAES:**

Uma das noitadas que eu fui acabava num lugar lá. Aí dormi, dormi no meio da rua. E acordo com um cachorro querendo trepar, agarrado na minha perna, querendo fazer sexo comigo.

**NELSON MOTTA:**

No dia seguinte o sol voltou. Amanheceu. Pô, será que vai dar tempo? Vai dar tempo de secar. O pessoal já está vendo o palco. Isso já eram 9 horas da manhã. Vai dar para reconstruir. No domingo à tarde, já quando o público já estava chegando ali, aconteceu o que faltava só. Com a chuva, o muro que já era precário, desabou. Então eu falei: Pô, então agora liberou geral.

**DOM PEPE:**

Olha aí, rapaziada, é o seguinte: Vai se apresentar uma banda, que tem que sacudir muito a cabeça, tem que dançar demais. Eu vou dançar demais. Eu vou ficar... Se trata do Made in Brazil.

*Made in Brazil - Vou Te Virar de Ponta a Cabeça*

*Das misérias humanas você goza e faz careta*

*Você é uma pessoa suspeita*

*O seu dinheiro nunca vai comprar o por do Sol*

*Você é muito muito careta*

*Vou te virar de ponta cabeça*

*Vou te virar de ponta cabeça*

*O seu dinheiro nunca vai comprar o por do Sol  
Você é muito muito careta  
É fácil ter a felicidade da espuma da champagne  
Olha suma, desapareça*

#### **TOCA SEABRA:**

Não teve tentativa de invasão do palco. Não teve nada disso. Era um público tranquilo. Era um público muito doido, muito roqueiro e tal, mas eu não vi confusão, que eu me lembre. Acho que ficou todo mundo tão curtindo aquele negócio que estava acontecendo, de ouvir uma sonzeira todo mundo doido junto, que ficou todo mundo curtindo mesmo o festival.

#### **DJALMA LIMONGI:**

Era o palco ali e o cara aqui embaixo, meu amigo. Podia trocar beijinho, mandar florzinha.

#### **HERIVELTO BRAVO PINHEIRO:**

Era muita gente. Não dá para você descrever nem a quantidade, nem a sensação de você estar aqui. Era uns shows que você arrepiava.

#### **OSWALDO VECCHIONE:**

Era uma coisa louca. Porque você não está tocando só para roqueiro. Você tá tocando... Você já tá no Rio de Janeiro, tá em Saquarema, que é uma cidade com mar, com litoral ali, né. Não é aquela coisa como tocar em São Paulo ou tocar no sul do país, que vai todo mundo vestido. Muita gente ali de calção, de chinelo havaiana e tal. Era uma coisa bem descontraída. Tinha tudo a ver, né? Surf, mar, praia, rock n' roll. Foi bacana.

*Se Eu Pudesse Voar - Made in Brazil  
Me dê a sua mão e vamos por aí  
Estou entre paredes preciso me expandir  
Morar na paulicéia é loucura bobear  
Quero sair desse lugar*

*Ahaha!!  
Se eu soubesse voar!  
Se eu pudesse voar!*

#### **PAULO MALTA:**

Olha lá, pessoal já no campeonato correndo a bateria. As linhas de surf eram bem diferentes, né? Que espetáculo. Rapaz, o que tinha de gente no pico vendo essas baterias era uma coisa impressionante. Não tenho nem ideia do número de pessoas, mas eram, assim, milhares de pessoas.

#### **FERNANDO FEDOCA:**

O campeonato de surf, em si, era uma coisa diferente, nova para a gente. Porque quando a gente competiu em 76, em Saquarema, os principais competidores, participantes, tinham competido, até então, umas cinco vezes, talvez seis vezes.

**OTAVIO PACHECO:**

E o festival de 76 foi muito importante. Foi um marco disso tudo. Foi o primeiro boom da mídia. Da grande visibilidade que o surf teve. Botou o surf no mapa e botou Saquarema no mapa também, do Brasil. Eu me lembro que essa final de 76 foi o Daniel que venceu e o saudoso irmão nosso, Paulo Proença, o Ratão, ficou em segundo lugar.

**DANIEL FRIEDMANN:**

Som, Sol e Surf, para mim, foi um momento, assim, de grande mudança, né? Fui para Saquarema, treinei. E com experiência já de ter competido lá fora, essas coisas todas, me ajudou bastante.

**RICARDO BOCÃO:**

Você não entrava no campeonato para perder. Você queria surfar bem e queria passar a bateria e queria chegar na final e queria, se possível, ser o campeão. Principalmente nas ondas de Itaúna. Ser campeão em Itaúna é diferente de ser campeão em outras ondas. Ela é mais forte do que a maioria das ondas do Brasil e ela é maior do que maioria das ondas do Brasil, só por isso.

**POPÔ LOPES:**

Saquarema era o melhor pico que a gente tinha para pegar onda. Era especial.

**RICARDO BOCÃO:**

O palanque, de verdade era um quadrado de quatro por quatro, de cinco por quatro. Não tinha nada fechando os lados, não tinha... o som nem me lembro. Precário. A anotação das notas em papeleta e alguém somava com a maquininha. Dava início à bateria com um morteiro: Shhh... Pow! Começava a bateria. Finalizava a bateria com um morteiro.

**ANÔNIMO 1:**

Achei o resultado o maior barato. Achei que o Daniel Friedmann foi o maior barato ter ganho e o Paulinho também.

**ANÔNIMO 2:**

O garotão de São paulo, o Paulinho, que pegou onda aí, achei o cara o maior barato. Ele desceu na onda dando 360, seguido, sem botar a quilha invertida. Cara muito bom mesmo.

**LOBÃO:**

Eu achava surfista burro. Sabe aquele cara... Pô, nem papo de surfista. Nem vem que não tem. Eu era um ser sedentário. Então eu tava ali, mas eu tava num outro universo. Não queria saber de surf. Eu já achava que surf não tinha nada a ver com o que a gente fazia. Então nem soube do acontecimento, nem queria saber se era surf. Para mim pegava até mal você tá no festival de rock com um monte de surfista do lado.

**DANIEL FRIEDMANN:**

Muita gente da música sempre teve junto com a gente do Surf e muita gente do Surf tá com o pessoal da música. Então, na verdade, tem umas diferenças? Tem. Mas todo mundo se diverte com a mesma coisa.

**ANGELA RO RO:**

Você subir no palco para aquele evento, que pode ser pequeno perto de um Woodstock, mas que para a gente foi imenso em todos os sentidos. Imenso pela produção dedicada. Imenso pela desvalorização da grana perante o evento. Nelsinho estava pouco ligando se tava fazendo dinheiro, se estava perdendo dinheiro. Então é tudo muito feito com amor e rock.

**NELSON MOTTA:**

Quando finalmente terminou, ninguém morreu, ninguém foi preso, ninguém tava ferido, porra, foi um sucesso. E nesse tempo, fazer um festivalzinho de rock era uma aventura. Era comparável a você entrar numa Caravela e atravessar o Atlântico. Fazer aquele festival, sem patrocínio, sem dinheiro, sem perspectiva de recuperar aquilo... Mas foi coisas da juventude. De uma ânsia de liberdade dentro daquele sufoco da ditadura.

*A verdade - Made in Brazil*

*Qual é o grilo diga logo*

*Isso não se faz ...*

**DJALMA LIMONGI:**

Do ponto de vista artístico foi muito legal. Do ponto de vista comercial foi um fracasso. O problema é que nós tivemos que arcar com todas as despesas que não estavam previstas. Começamos a dar cheque para lá, dar cheque para cá. Foi isso que me levou à bancarrota. Resultado: muito prejuízo financeiro, muita diversão e boa consequência artística.

**NELSON MOTTA:**

la ser difícil ganhar dinheiro ali com o festival. Porque era um lugar pequeno, a entrada era barata. A nossa esperança era um filme e um disco. Woodstock foi um puta prejuízo, mas tiveram um lucro fabuloso com o filme e o disco. E assim que a gente... Essa era a ideia, mas nada deu certo. O cara que ia produzir o filme, o documentário, era um garotão que não era do ramo e tudo ali... E não tinha nada mesmo. Ele ia ter dinheiro para produção do filme e também não tinha, sumiu. Eu fiquei com essa responsa, também, de bancar ali o filme. Já ia levar uma trolha no festival, o filme tinha que ir... pelo menos filmar aquilo. Depois ia ver onde é que ia arranjar dinheiro para revelar a película, para montar. Mas tinha que ter.

O chefe ali da operação de som era um americano que chamava Don Lewis, um cara, um malandro nova-iorquino, daquele enrolado, e ele que levou o equipamento para gravar e tudo, mas uma parte não gravou direito, outra sumiu, isso também. Então no resultado final não tínhamos o filme, não tínhamos o disco. E era uma equipe espetacular de câmeras. O Mico, o Miguel Rio Branco, o Pedro Moraes, o Gilberto Loureiro era o diretor. Era uma equipe de altíssimo nível.

## **TOCA SEABRA:**

Aí eu não tava na equipe porque eu não era nem qualificado nessa época. Mas eu ainda não era nem assistente de câmera. Mas aí eu pedi para a galera e falei: Galera, eu vou com vocês de qualquer maneira. Porque eu não vou perder esse troço por nada desse mundo. Porque eu sei que vai ser uma bagunça daquelas.

## **DOM PEPE:**

Rita Lee e Tutti Frutti!

*O toque - Rita Lee*

*Abri a janela*

*Um som diferente entrou*

*Meus olhos mudaram, eu sei*

*Ou foi o sol que mudou, babe*

*O som das nuvens*

*A conversa do vento*

*A voz dos astros*

*A história do tempo*

*O som das estrelas*

*A música do luar*

*Contando em segredo, eu sei*

*Contando todo o meu medo, babe,*

*O som das flores*

*O murmúrio do céu*

*Me deram um toque*

*Quem tem ouvidos que ouça*

*Você é uma criança do universo*

*E tem tanto o direito de estar aqui*

*Quanto as árvores e as estrelas*

*Mesmo que isto não esteja claro para você*

*Não há dúvidas*

*Que o universo segue o rumo*

*Que todos nós escolhemos*

## **TOCA SEABRA:**

O festival não era pequeno, mas a gravação do festival era pequena. Não tinha gruas, não tinha carrinhos, eram três câmerasinhas 16. Tinha filmagem de dia, tinha filmagem de noite. Era um negócio assim: Ih! Tá acontecendo uma blitz lá num sei aonde. Vai lá, corre alguém lá e faz. Tá não sei o quê do campeonato de surf. Vamos lá. Foi feito também de uma forma muito... com um certo excesso de espontaneidade.

**MARÍLIA ALVIM:**

Mas a gente trabalhava a noite toda dando suporte, né? Alimentação, líquidos etc e tal. E Kombis e vans e troca filme, bota filme. Cadê o som? Cadê fulano? Cadê? Aonde? Foi uma loucura mesmo. Era 16mm, né? Tinha que trocar de chassi o tempo todo. Então... e o som também, som de meia hora. Então também tinha que trocar o som o tempo todo.

Ninguém dormia, eu acho.

**GRAÇA MOTTA:**

Ninguém dormia. Os dias eu chegava exausta, daí dormia 3 horas, já começava a tal reunião "quem vai filmar o quê".

**JOSÉ JOAQUIM SALLES:**

E nós tínhamos que acordar mais cedo porque tínhamos que preparar tudo, né.

**GRAÇA MOTTA:**

Eu lembro perfeitamente disso. Eu dizia: Meu Deus do céu, eu não aguento levantar e viver, mas tem que levantar agora porque você tem que sair com aquelas pessoas.

**JOM TOB AZULAY:**

Aqui tinha uma câmera fixa. Então eu tirava o som direto para o Nagra daqui da mesa de som e ficava nessa torre.

**GRAÇA MOTTA:**

Miguel aqui numa Torrinha menor. Isso aqui era muito mais alto

**MIGUEL RIO BRANCO:**

Eu devia estar na central, provavelmente. E tinha duas laterais. Mas eu tava na central, isso eu me lembro. As filmagens você se concentrava muito mais no essencial também, né? Eu nem vi o material porque eu acho que não teve nem dinheiro para fazer cópião.

**MIGUEL RIO BRANCO:**

O filme foi enterrado ali, pô. Está sendo ressuscitado 41 anos depois.

**JOM TOB AZULAY:**

O que vocês estão fazendo é arqueologia cinematográfica. Porque isso aí é um fóssil que vocês desenterraram.

**RITA LEE:**

A mãe de vocês sabe que vocês estão aqui?

*Esse Tal De Roque Enrow - Rita Lee*

*Ela nem vem mais prá casa*

*Doutor!*

*Ela odeia meus vestidos*

*Minha filha é um caso sério*



*Doutor!  
Ela agora está vivendo  
Com esse tal de:  
Roque Enrow! Roque Enrow!  
Roque En!...*

*Ela não fala comigo  
Doutor!  
Quando ele está por perto  
É um menino tão sabido  
Doutor!  
Ele quer modificar o mundo  
Esse tal de:  
Roque Enrow! Roque Enrow!...*

*Ro! Quem é ele?  
Quem é ele?  
Esse tal de Roque Enrow!  
Uma mosca, um mistério  
Uma moda que passou  
-Já Passou!  
Ele! Quem é ele?  
Isso ninguém nunca falou!  
Ôh! Ôh!..*

#### **HELIO PITANGA:**

Eu conheci o Gilberto Loureiro, ele me falou desse material, desse registro que ele tinha feito em Saquarema, que estava em negativo. Enfim, me interessei logo, né? Então eu peguei as latas e botei dentro do meu carro. Fui direto para a Cinemateca do MAM.

#### **HERNANI HEFFNER:**

Os materiais eram coloridos. Já tinham se passado muitos anos, quase 30 anos. Eles já estavam num limite, ali, de sobrevivência, tanto física quanto, digamos assim, do ponto de vista do registro ali mesmo, da qualidade do registro. Muitos materiais já estavam começando a avinagrar, já estavam começando a abaular, já estavam encolhidos. E, sobretudo, essa imagem já estava desbotando e descorando de uma forma bastante significativa em alguns dos rolos. O que que você prefere? Você prefere às vezes ver a Rita Lee em preto e branco, sabendo que ela foi filmada em cores, ou você não ver nada?

*Bixo da Seda - Eu sei de tudo e não sei de nada  
I am stoned, my friend  
I do revolution in my head  
Não sei se fico ou se vou pra estrada  
Eu sei de tudo e não sei de nada  
Minha cabeça gira no espaço  
Eu não \*\*\*\* mas sempre ligado*